

## À MARGEM DE “À MARGEM DA DUPLA ARTICULAÇÃO” DE MARTINET — ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DE PARALINGÜÍSTICA

*Hudinilson Urbano*

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o modesto, porém honesto objetivo de tecer comentários sem grande profundidade e sem grandes ou nenhuma conclusão (daí o “à margem”) a partir de um tópico do livro *Elementos de lingüística general*, de André Martinet, a que o Autor deu o título de “À margem da dupla articulação”, des-cortinando um assunto, do qual praticamente todos os lingüistas consultados lamentam a pouca pesquisa a respeito: trata-se, em parte, dos fenômenos que Martinet diz serem freqüentemente chamados de “supra-segmentais” e objeto de uma disciplina intitulada “Prosódia”. Martinet levanta a hipótese de se considerar a “curva melódica” ascendente das interrogações, face a sua oposta descendente das afirmações, como um “signo”, dado que parece ter igual estrutura ou composição, isto é, um significado: “a interrogação” e um significante: “a elevação da voz” (1)

Data de algum tempo a nossa preocupação por problemas semelhantes: o dos fenômenos que poderíamos enquadrar numa primeira e superficial nomeação de “fenômenos extralingüísticos” ou, mais objetivamente, “valor lingüístico dos fenômenos para lingüísticos”. A primeira tentativa — que ficou apenas nos planos — foi-nos inspirada pelo estudo desenvolvido num curso realizado sobre a “estrutura frásica”, e, no caso específico, sobre a chamada “frase de situação”. Vê-se logo que o presente problema é semelhante.

---

(1). — MARTINET, André — *Elementos de lingüística general*. 2.<sup>a</sup> ed. rev., Madrid, Editorial Gredos /1968/ p. 29.

OBS. — Por serem curtas demais, deixamos de indicar algumas citações incorporadas ao texto. Outras, mais extensas ou independentes, vão destacadas convenientemente. Traduzimo-las, quase sempre, deixando de o fazer, por vezes, por preferirmos, em alguns casos, o texto original.

Adotamos uma pontuação principalmente preocupada com a clareza.

## CARACTERIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Em nossas andanças, à busca da “caracterização” da linguagem humana frente aos demais meios de comunicação, fomos topar com Georges Mounin, no seu livro básico *Introdução à lingüística* (título original: *Clefs pour la linguistique*), onde o Autor, de maneira dialética, objetiva e rápida, discute o problema. Realmente não é fácil caracterizar os objetos, e a linguagem é dos mais complexos e portanto dos mais difíceis de caracterizar.

Normalmente, tenta-se caracterizar os objetos pelas suas funções. Mas é evidente que, embora importantíssima, a função só pode ser “parte” de qualquer caracterização. Com efeito, importa dizer o que é e, não só, embora também, para que serve. Admitimos que a finalidade molda muitas vezes o ser. Mas se isso poderia caber de cheio numa língua artificial, não se pode esquecer que a linguagem é essencialmente natural, sujeita a todas as ilogicidades, ao menos sob o ponto de vista simplista e humano dos fenômenos naturais.

Mounin discute a caracterização da linguagem a partir justamente do que é tido como a sua principal função — a comunicação — e lança uma afirmação que, se não se atentar para o detalhe do título do capítulo — “A caracterização específica das línguas naturais humanas” — poderia parecer gratuita e aberrante, isto é, que a linguagem “não seria comunicação”, pois, diz textualmente no subtópico: “Não é comunicação”

É evidente que a “especificidade não reside na função de comunicação em si mesma, visto que ( ) as línguas partilham esta característica com todos os outros meios de comunicação, desde o código da estrada até aos sinais marítimos internacionais, desde a carta geográfica até os mais complexos simbolismos gráficos.” (2)

---

(2). — MOUNIN, Georges — *Introdução à lingüística*. Lisboa, Iniciativas Editoriais [1870] p. 47.

Não resta dúvida, porém, que, embora não específica, a comunicação é a principal função da linguagem, elemento indispensável na sua conceituação e necessário como gênero na sua definição, se é que é definível.

Na argumentação, Mounin lembra que numa mensagem lingüística podem veicular, paralela e subsidiariamente, embora fora da intenção do emissor, informações extracomunicação. Refere-se às informantes circunstanciais não intencionalmente integrantes da mensagem, como as características da voz, que podem indicar sexo, idade, estados de saúde etc. Está aqui um aperitivo da matéria que, especificamente, trataremos adiante sob o rótulo de “Variantes sonoras”

A segunda afirmação de Mounin diz: “Nem a arbitrariedade do signo” Aqui, entre outros argumentos arrola justamente a “entonação”, como um fato simbólico e não arbitrário, “cuja intensidade e acuidade podem variar proporcionalmente com o grau deste ou daquele sentimento, deste ou daquele juízo expresso pelo locutor, sendo a energia do sentimento ou do juízo proporcional à energia do significante intonacional.” (3) Consignamos aqui apenas a argumentação e a referência ao seu fundamento, porque ao assunto voltaremos no devido tempo, com a devida demora.

Continua o dialético Mounin: “Nem a noção de sistema”. observando que “a par da linguagem dos homens, há com efeito numerosos outros sistemas de comunicação não lingüísticos. Sistemas (parciais) de símbolos, como o mapa das estradas, . ” (4)

O passo seguinte é provar que “Nem a linearidade da mensagem” “a diferença de outros sistemas de comunicação que também desenrolam as suas mensagens no tempo: a música (no caso de ser um sistema de comunicação); o código da estrada. e, indubitavelmente, a mensagem cinematográfica constituída por um filme.” (5) A refutação pelo elemento “memória”, que responde pela co-presença de signos, parece que não deve prevalecer, porque então se admitiria como ser (a mensagem) o que, na realidade, é apenas a sua condição.

“Nem a natureza discreta do signo” Lembrando que o que Saussure queria dizer com a “arbitrariedade do signo” era “que as unidades lingüísticas são “diferenciais” e que, portanto, “essas unidades se opõem umas às outras sem gradações”, conclui Mounin que

---

(3) — Mounin, *op. cit.* p. 47.

(4) — Id., *ibid.*, p. 49.

(5) — Id., *ibid.*, p. 51.

(6) — Id., *ibid.*, p. 52.

“também aqui essa característica não é específica das línguas naturais humanas: a maior parte dos sinais do código da estrada são unidades discretas.” (6) É aqui deixamos, mais uma vez apenas referido o exemplo da entonação e fenômenos semelhantes, tidos e havidos por Mounin como signos “não discretos”

Finalmente, Mounin, sem discutir especificamente outras possíveis características, como o “Caráter vocal da linguagem”, de Martinet (7), se bem que o subtendesse na discussão da “linearidade da mensagem”, ou como “A forma, garantia do caráter lingüístico”, do mesmo Martinet (8), afirma, sob a expressão, cientificamente modesta, de “parece” que a “característica que parece distinguir especificamente as línguas naturais humanas de todos os outros sistemas de comunicação reside naquilo a que, na sequência de Martinet, se chama a dupla articulação da linguagem.” (9)

Assim, a característica aceita como específica é a da “dupla articulação”; na verdade, nomeação original e feliz para um fenômeno já observado e assinalado anteriormente por Saussure.

Essa conclusão de Mounin, que parece não ser definitiva, nem por ele próprio, anda contestada, se bem que, no nosso entender, por argumentação não muito convincente e segura, sobrenadando superfície arenosa e movediça. Veja-se “O mito da dupla articulação” (10), onde o Autor contesta que ela seja específica da linguagem humana, dando-a como hipótese na pintura, na música e até no jogo de cartas. U Eco, seu Autor, vai mais longe e, segundo as sugestões de Prieto, arrola cinco diferentes tipos de códigos com diferentes espécies de articulações, merecendo destaque o da letra “D”, a saber:

“D. Códigos de duas articulações: semas analisáveis em signos e figuras.

Exemplos:

1) as línguas: os fonemas articulam-se em monemas e estes em sintagmas.

2) números telefônicos de seis algarismos.” (11)

No caso que nos interessa, não sabemos porque não considerar os “números telefônicos”, do exemplo dois, simplesmente como “lín-

---

(7). — Martinet, *op. cit.* p. 12.

(8). — Id., *ibid.*, p. 46.

(9). — Mounin, *op. cit.*, p. 53.

(10). — ECO, Umberto — *A estrutura ausente. Introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo, Editora da Univ. de São Paulo — Editora Perspectiva /1971/ p. 122.

(11). — Id., *ibid.*, p. 128.

gua”, com uma informação complementar — conforme a casa ocupada por grupos de dois algarismos — indicando setor da cidade, quarteirão etc., destinada a decodificadores específicos. Entretanto, tal decodificação é dispensável para o principal da mensagem, que é, grosso modo, nominar o receptor.

Sem esmiuçar muito a tese da especificidade da dupla articulação para a linguagem humana, porque, inclusive a presente digressão — e é realmente uma digressão — apenas veio como necessidade estrutural desses apontamentos, parece-nos que é mais seguro admitir que a característica específica da linguagem não estaria apenas numa dessas ou de outras características, nem mesmo na da dupla articulação, mas numa “determinada combinação” de características não contraditória — essa combinação — em nenhum outro meio de comunicação, por exemplo (apenas ilustrativo): vocal, duplamente articulada em unidades discretas e intencional.

### PARALINGÜÍSTICA

Para o nosso estudo, ficamos com os fenômenos paralingüísticos, com valor na língua, que estariam à margem da dupla articulação — e daí, à margem da língua como sistema — mal estudados ainda, inclusive porque até da existência de muitos deles muitos lingüistas não tomaram conhecimento; mas, por outro lado, quando parcialmente estudados, são de maneira assistemática, sob os mais diversos títulos: “estilística fônica” (12), “função expressiva dos elementos fônicos” (13), “fenômenos prosódicos” (14), “meios prosódicos, mímicos e táticos da expressão” (15), “concomitantes” (16), “prosodemas” (17), “valor semântico do grupo fônico” (18), “simbolismo dos sons” (19), “traços prosódicos” (20), “morfemas su-

---

(12). — MARTINET, André — *A lingüística sincrônica*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1971, p. 70.

(13). — Martinet — *Elementos*, p. 78.

(14). — Id. *ibid.* p. 104.

(15). — POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert e PAIS, Cidmar Teodoro — *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro /172/ p. 11.

(16). — GILI GAYA, Samuel — *Elementos de Fonética General*. 5.<sup>a</sup> ed. cor. e ampl. Madrid, Editorial Gredos /1966/ p. 170.

(17). — Id. *ibid.* loc. cit.

(18). — GUIMARÃES, Oliveira — *Fonética Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1927, p. 111.

(19). — MALMBERG, Bertil — *Lingüística estrutural y comunicación humana*. Madrid, Editorial Gredos /1969/ p. 146.

(20). — JAKOBSON, Roman — *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica /1967/ p. 107.

prasegmentais” (21), “elementos superpostos” (22), “signos extra-articulados” (23), “fonestilística” (24), “contexto” (25) etc.

As referências supra — incompletas, porém ilustrativas — demonstram a floresta que está por ser vencida e sobre a qual vamos fazer pouso raso, temendo pela sobrevivência do piloto.

Em busca de alguma sistematização e de um roteiro, esquematizamos um quadro de estudos, de certa forma sugerido pela bibliografia consultada, e que procura, ao mesmo tempo, pôr em síntese o modo como vemos instintivamente a matéria. Não resta dúvida que se trata de um quadro tentador de estudos, que, no entanto, será, a contra-gosto, apenas tangenciado.

A nomenclatura, nem sempre abonada pelos compêndios, pretendeu, antes de tudo, ser prática, objetiva, não preceptiva, não inovando termos, mas, com efeito, adotando nomes propriamente descritivos (como “vocais/não vocais”), ou ampliando outros termos, na base da analogia, semelhança ou comparação (assim, registramos, “segmentais” ou mesmo o caso de “semiológicos”)

Por outro lado, a matéria sob estudo merecerá críticas e reparos, que o seu amadurecimento saberá colher e aproveitar. Muita coisa aqui exposta nos cheira a original, embora certamente não seja. Mas, fica a ilusão que alimenta e estimula os modestos pesquisadores.

---

(21) — PONS, José Roca — *Introducción a la gramática*. 2.<sup>a</sup> ed. cor. e act. Barcelona, Editorial Teide /1972/ p. 105.

(22). — BALLY, Charles — *El lenguaje y la vida*. 5.<sup>a</sup> ed. Buenos Aires, Editorial Losada /1967/ p. 176.

(23) — PONS, *op. cit.* p. 81.

(24) — GUIRAUD, Pierre — *A estilística*. São Paulo, Ed. Mestre Jou /1970/ p. 84.

(25). — SLAMA-CAZACU, Tatiana — *Lenguaje y contexto*. Barcelona-Mexico, Ediciones Grijalbo 1970, p. 287.

### TRAÇOS PARALINGÜÍSTICOS

vocais	prosodêmicos ou pertinentes	supra-segmentais	entonação tom tônico acento de insist. duração ritmo	emoc. intel.
		segmentais	interjeições outros rúidos vocais	
	não prosod. ou não pert.	supra-segmentais	tom acento duração ritmo variantes da voz variantes fonêmicas	
		segmentais	palavras sem nexos outros rúidos vocais	
	não vocais — mas semiol. — co-segmentais		pausa ordem contornos mímica conotação	contexto situação

Vemos, das nossas pesquisas, que a matéria, se ainda tem poucos pesquisadores e pouca divulgação, tem, entretanto, preocupado muita gente, dando causa até a uma ciência denominada “Paralingüística”, definida por U. Eco como:

“o estudo dos traços supra-segmentais (os tons de voz) e das variantes facultativas que corroboram a comunicação lingüística e se apresentam como sistematizáveis e convencionali-

zados (ou que, reconhecidos como “naturais” são de algum modo sistematizáveis)” 26;

“Comumente se associa à Paralingüística também a Cinésica, entendida como estudo dos gestos e dos movimentos corporais de valor significante convencional.” (27)

É o que confirma o Professor Borba, no seu verbete:

“Paralingüística — Ramo de estudos dedicados aos elementos que complementam a comunicação lingüística como os traços expressivos e os gestos em geral.” (28)

Na verdade, os elementos paralingüísticos quebram o rigor da linearidade da linguagem”, à medida que participam simultânea ou harmonicamente do significante como roupagem, ora despercebida, ora altamente expressiva, porém, sempre necessária. Como veremos adiante, chega por vezes a ganhar a autonomia de um verdadeiro significante.

### TRAÇOS VOCAIS

Entendemos de separar os traços que se ligam à linguagem indissolúvelmente através do seu caráter vocal, como uma das principais características da linguagem (v. supra) e como primeiro critério para uma sistematização. Daí a denominação de “traços vocais”, do quadro retro. São os que, no entendimento de Samuel Gili Gaya, falando da “Complexidade fonética do significante”, se chamam “concomitantes”, sob cujo conceito, pertencente à Fonética, abraça e “estuda todos os caracteres da pronúncia real, tanto os que são relevantes como os que não são.” (29)

Por outro lado, os traços “não vocais” não integram indissolúvelmente o corpo sonoro da própria palavra valorizada, cuja valorização acontece indiretamente, parasitariamente. Podemos admitir que estes traços sejam genericamente “concomitantes” da sequência sonora do significante, aqui considerado no nível fraseológico. Merecem consideração especial evidentemente, quando com va’or “semiológico”, empregado o termo no sentido amplo defendido pelo já referido U. Eco.

---

(26). — Eco, *op. cit.* p. 393.

(27) — Id. *ibid.* loc. cit.

(28) — BORBA, Francisco da Silva — *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, Ed. Nacional e Ed. da USP /1971/ p. 112.

(29) — Gili Gaya, *Elementos*, p. 171.



Daí, permitirmo-nos uma ressalva a Gili Gaya sobre a sua frase: “todos estes valores são concomitantes do *fonema*” (grifo nosso), apesar da explicação que se lhe segue:

“o qual, por ser caracterizador essencial da significação permanente das palavras fixadas na língua, tem sido considerado como o fator preferido e quase único do significante” (30)

pois, quer-nos parecer que a concomitância se faz ao significante, qualquer que seja (monema ou sintagma) ou a toda sequência sonora e não apenas ao fonema, enquanto fonema. Aliás, a título de comentário, ele sugere com efeito o que afirmamos: “Complexidade fonética do *significante*” (grifo nosso)

Gili Gaya, em seqüência, sugere ainda uma classificação dos concomitantes em concomitantes “universais” — por apresentar-se em todos os idiomas — “idiomáticos” e “individuais”, lembrando a possibilidade de “se fazer um inventário dos concomitantes em cada um dos setores da linguagem e que, graças à precisão dos instrumentos de medida, poderá ser conseguido tão rigoroso como o catálogo dos fonemas” (31)

Essa lembrança de Gili Gaya torna menos surpresa a indagação de U. Eco sobre a possibilidade de “codificar esses artifícios” (32) E daí, toda a sua insinuação sobre a possibilidade de verdadeiros sistemas. Aliás, no capítulo já referido das articulações da linguagem, U. Eco estabelece, resumindo, uma classificação, onde inclui, no número quatro, os “códigos tonais”, neles inserindo os traços “supra-segmentais” e “verdadeiros sistemas de conotações” 33.

### TRAÇOS VOCAIS PROSODÊMICOS

Chamamos “prosodêmicos”, por sugestão dos “prosodemas” da Fonologia (34), aos fenômenos arrolados no esquema, quando têm uma função e “criam oposições de significado”, subordinados a uma eleição do falante. Fica, desde já, observado que alguns dos mesmos fenômenos são por vezes apenas elementos estruturais do próprio som, no sentido de que são fisicamente imanentes, e desprovidos de valor lingüístico específico. Por isso constam em duas cha-

---

(30) — Gili Gaya, *Elementos*, p. 171.

(31) — Id. *ibid.* p. 172.

(32) — Eco, *op. cit.* p. 394

(33) — Id. *ibid.* p. 136.

(34) — Gili Gaya, *op. cit.* p. 171.

ves do quadro — como “prosodêmicos” e “não prosodêmicos” — mas serão, normalmente, comentados num só tempo.

Querendo objetivar nossa visão do assunto, subdividimos os fatos prosódicos, relativos à voz, em fatos “supra-segmentais”, porque vêm superpostos aos significantes, como seus acessórios estruturais, e fatos “não supra-segmentais”, ou apenas, “segmentais”, porque, fisiológica, acústica e estruturalmente principais, uma vez que se confundem com o próprio corpo sonoro na sua característica linear.

Sabemos considerarem-se normalmente como fatos prosódicos, e portanto, supra segmentais, apenas o tom, o acento, a quantidade, a entonação. O nosso esquema prevê também o “ritmo”, que, conquanto seja uma realização caracterizada pela regularidade de ocorrências de duração, de acento ou de altura, daí o ritmo quantitativo, ritmo intensivo, ritmo tonal (35), não deixa de revelar, justamente pela periodicidade, algum valor lingüístico especial, quando não, elemento válido como caracterizador de idiomas e de estilos individuais. Ademais, tem-se de lembrar a combinação dos citados ritmos num ritmo total, por exemplo, do verso. (36)

Pouca preocupação parece ter merecido o ritmo como decorrente da combinação e conjugação de diversos elementos prosódicos, fixando-se de regra as atenções especificamente no tom, acento, duração ou entonação, perdendo-se com isso muitos valores produzidos pela recíproca interferência dos elementos. Estamos pensando, por exemplo, numa frase, devidamente compassada, onde um acento de intensidade se combina com uma entonação especial, possível em palavras-frase, como: *Mi-se-rá-ve!* O acento e a duração acabam por se “esparramar”, mais ou menos por igual, sobre todo o corpo sonoro do vocábulo, devido à silabação rítmica.

E aqui se lembra que, mesmo sem valor característico, qualquer ritmo é uma necessidade vocal e uma “conveniência psíquica da clareza da expressão” (37), e, portanto, importa mencioná-lo especialmente. Poetizando um pouco, o ritmo é uma contingência de toda natureza viva, nela se incluindo o próprio mar com suas ondas e marés.

---

(35). — MATTOSO CAMARA JR., J. — *Dicionário de filologia e gramática*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro-São Paulo, J. Ozon Editor, 1964, p. 300.

(36). — Id. *ibid.* loc. cit.

(37) — Guimarães, *op. cit.* p. 87

## INTERJEIÇÕES E OUTROS RUÍDOS VOCAIS

Mas figuram no quadro outros traços vocais, não supra-segmentais ou segmentais. Referimo nos às “interjeições” e “outros ruídos”, como a tosse, o sopro, o bocejo, o assobio, o soluço, o choro, o arrote etc. Entendemos que também têm valor lingüístico, uma vez que atendam às funções expressivas, psíquicas, e mesmo comunicativas da linguagem (a tosse, solicitando atenção, por exemplo) Pertencem à paralinguagem porque estão também fora ou à margem da dupla articulação.

Aíás, a interjeição está numa situação confusa e insegura na Gramática Portuguesa. Se, de um lado, é considerada como “frase” e, portanto, “unidade de comunicação” embora na sua forma desestruturada, por outro lado, tem sido posto em dúvida seu lugar na Gramática. Daí, o seu lugar na Paralingüística, que, recebendo-a de braços abertos, enriquece seu campo de estudos, cujas pesquisas poderão descortinar um precioso e frutuoso recurso expressivo, como subsídio efetivo para a realização dos aspectos emotivos da linguagem.

Quanto aos “outros ruídos”, como a tosse intencional, parece-nos que o significado é mais lingüístico, inversamente proporcional ao seu significante, na medida que este foge ao inventário fonético do sistema fonêmico da língua. Parece-nos que o caso do assobio, do tipo “fiu fiu”, é semelhante.

A diferença entre as “interjeições” e os “outros ruídos” está em que, por um lado, as interjeições têm foros de categoria e tradição, e são, mais ou menos, codificadas, e, por outro lado, o seu significante se utiliza normalmente dos sons da língua, ao passo que os outros ruídos desconhecem aquelas prerrogativas e o seu significante se aproveita do vasto acervo sonoro restante.

Sobre serem eles “sons” ou ruídos — antes que se lhes ponham reparos à nomenclatura — esclarecemos que não houve preocupação específica, parecendo que são ora ruídos (por exemplo, a tosse), ora sons (por exemplo, o assobio)

Na verdade, esses ruídos ou sons extra-lingüísticos são utilizados com valor interjectivo ou descritivo, conseqüentemente sempre com função de comunicação; daí, margeando os limites caracterizadores da linguagem. Lembramos então, e com Gili Gaya (38), a sucção de ar pelos lábios tensos para exprimir surpresa, preocupação; a produção contrária do sopro, com proeminência dos lábios e ressalto das bochechas, que revela aborrecimento ou cansaço. A

---

(38). — *op. cit.* p. 65.

imaginação irrefletida do falante é fértil na produção desses ruídos vocais, que, como auxiliares ou por si só, multiplicam os efeitos e a intensidade da comunicação. Considere-se o valor de desprezo contido no ruído produzido pela corrente de ar comprimida entre os lábios, imitando a erupção ruidosa de gases. Trata-se aqui de uma espécie de onomatopéia, sem o ser entretanto, porque, na realidade, o ruído ocasionado não é constituído de fonemas da língua.

Um estudo apenas desses elementos, que chamamos genericamente de “outros ruídos”, já justificava uma monografia. Mas, que se lembre ao menos que, se de um lado, a maioria desses ruídos aproveitam à comunicação, por outro lado, alguns, por vezes, podem-lhe ser indiferentes, ou até, prejudicá-la, à medida que fogem ao controle e à vontade do falante; exemplo, uma tosse incontrolada.

### ENTONAÇÃO (39)

Retornamos ao primeiro parágrafo e à pergunta indireta, lá deixada sem resposta: se a “entonação” é um signo, de vez que, ao que parece, tem um significante próprio, que é a curva melódica, e um significado próprio, que é a distinção de valores: a interrogação/afirmação, por exemplo.

É indiscutível a realidade da curva melódica, como algo-mais e naturalmente necessário à comunicação lingüística em determinados casos, e resultado de uma eleição do falante. Os exemplos apresentados nessa entonação dicotômica são contundentes, desde o enunciado simples de Martinet: “chove? / chove.” até o mais complexo, do tipo: “Ele já sabe disso? / Ele já sabe disso.”

Citamos logo mais dois exemplos que sugerem comentários especiais, que serão feitos oportunamente. Trata-se de “tenho visto teu irmão” (he visto a tu hermano), de Gili Gaya (40), que nos parece um exemplo imperfeito, mas útil para nossas observações, e “Foi de automóvel a Coimbra?”, de Oliveira Guimarães (41), cujo comentário, do próprio Autor, nos parece bastante interessante e válido. (V Nota 70 a pp. 91-92)

Entretanto, o exemplo traduzido de Martinet “chove? / chove” implica numa pergunta. A oposição aí é de “entonação” ou de “tom”? Com efeito, os dois fenômenos são da mesma natureza (altura), mas complexidades diferentes e de mais ou menos distintas

---

(39). — Não parece uniforme a nomenclatura “entonação” Encontramos, ainda, “intonação” e “entoação” (Borba, *op. cit.* p. 118; Mattoso Camara, *Dicionário*, p. 128 etc.)

(40) — Gili Gaya, *op. cit.* p. 170.

(41) — Guimarães, *op. cit.* p. 111.

funções. Deixamos a palavra a Robert Lado, que abona essa possibilidade e dá cobertura à dúvida e à pergunta:

“a altura. é usada nas línguas de duas maneiras distintas: 1) como parte da frase e da locução e 2) como parte da palavra.”

e mais adiante:

“Quando a altura é usada em locuções e frases, damos-lhe o nome de entonação. Quando a altura é usada para identificar e diferenciar palavras, damos-lhe o nome de tom.” (42)

Embora não com a palavra didática supra, a mesma coisa parece dizer Gili Gaya:

“Na linguagem, chamamos tom a altura musical de cada som. Entonação é a curva melódica que a voz descreve ao pronunciar palavras, frases e orações.” (43)

Também Charles Bally tem opinião esclarecedora a respeito, afirmando que o acento pode ser ao mesmo tempo entonação, quando ele se torna expressivo e tem significação (44)

Entretanto, Martinet complica, observando que:

“Interessa reservar o termo entonação ao que fica da curva melódica depois de haver deixado à parte os tons e os fatos acentuais.” (45)

Parece que a distinção não deve ficar apenas em que a altura na palavra é tom e que a mesma altura na frase é entonação; parece que, embora da mesma natureza, têm comportamentos diferentes: a entonação pressupõe escala, daí melodia, enquanto o tom, não.

Por outro lado, ainda Martinet, entre outros, indica as funções dos elementos fônicos: 1) distintiva ou opositiva, 2) contrastiva, 3) expressiva (46) e mais adiante refere-se textualmente à função expressiva da entonação (47)

---

(42) — LADO, Robert — *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, Editora Vozes, 1971, p. 58.

(43) — Gili Gaya, *op. cit.* 54.

(44) — BALLY, Charles — *Traité de stylistique française*. Genève-Paris, Georg-C. Klincksieck, 1951. 1.º v. p. 164

(45) — Martinet, *Elementos*, p. 105.

(46) — Id. *ibid.* p. 78.

(47) — Id. *ibid.* p. 105.

Comparando as funções do tom e do acento, Martinet dogmatiza:

“A função dos tons é essencialmente distintiva. Um tom não existe senão em oposição a outro pelo menos.” (48)

Se o tom e a entonação tem a mesma natureza (altura), não seria lícito pensar que a entonação tenha também a função distintiva do tom?

O próprio Martinet responde, falando da “função e segmentação”:

“A elevação melódica que permite distinguir “il pleut?” de “il pleut” tem função opositiva como o grau de abertura da boca permite distinguir “ré” de “riz” ”

Mas confessa:

“Por outra parte, a entonação se apresenta de tal maneira que, às vezes, distingue-se bastante mal se a função exercida é propriamente opositiva (oposição de duas significações diferentes) ou expressiva (indicação sobre o estado de espírito daquele que fala)” (50)

No caso de “chove? / chove” é evidente que se trata de altura de palavra, mas não enquanto palavra e sim enquanto “frase”, pois a palavra morta tornou-se frase justamente pela altura. Logo, devemos falar de entonação e não tom. Por outro lado, podemos deduzir mais uma possível função da entonação que seria uma possível função sintagmática, responsável pela transformação de uma palavra em frase. Ou, em palavras modernas: uma lexia em enunciado simples. Cremos até que as chamadas “frases de situação”, do tipo “Socorro!” deveriam chamar-se “frases de entonação” e teríamos, para explicá-la, um elemento mais próximo da realidade lingüística do que o elemento extralingüístico e físico da “situação”

Poder-se-á argumentar que todas as frases se caracterizam e se definem, do ponto de vista fonético, por uma entonação; entretanto, o que queremos dizer é que, no caso, “somente” pela entonação, a palavra, comunicativamente neutra, ganha o propósito de frase.

---

(48) — Martinet, *Elementos*, p. 115.

(49) — Id. *ibid.* p. 81.

(50). — Id. *ibid.* p. 81.

Muito há que se pesquisar e esclarecer sobre esse complexo fenômeno, que Bally (51) ou G. Dumas (52), numa expressão feliz, chamam de “mímica vocal”. É possível que fiquem melhor esclarecidos e delineados os limites da entonação e do ritmo, que nos parecem, apesar de toda a teoria a respeito, fenômenos siameses. O chamado “ritmo tonal” de Mattoso Camara e o “ritmo acentua.” de Gili Gaya (53) parecem justificar a afirmação.

Por outro lado, precisam ser melhor estudados os múltiplos valores da entonação como material estilístico, sintático e psíquico.

### ENTONAÇÃO À MARGEM DAS ARTICULAÇÕES

Na justificação por que considera “à margem da dupla articulação”, Martinet, em síntese, diz que a entonação, embora pertinente, não pertence à segunda articulação: 1.º) porque não apresenta elementos articuláveis, iguais ou semelhantes aos fonemas (54); 2.º) porque não tem um caráter discreto como os fonemas (55); 3.º) porque não se apresenta em número fixo em cada língua e não pertence a um inventário fechado, como os fonemas (56); 4.º) porque não incide sobre um segmento fonemático, mas sobre um enunciado completo (57)

Também não pertence à primeira articulação, como poderia fazer supor o derradeiro motivo supra: 1.º) porque “o signo que pode representar a elevação melódica não se integra na sucessão de monemas e não apresenta um significante analisável em uma série de fonemas” (58); 2.º) porque “as variações da curva melódica exercem função mal diferenciada.” (59); portanto, também neste nível não são unidades discretas.

A argumentação que deduzimos de Martinet, servir-nos-á como roteiro de comentários, muitos dos quais vãos para os demais traços paralingüísticos:

1.º- “porque não apresenta elementos articuláveis iguais ou semelhantes aos fonemas”

Argumento incontestável, admitida, como admitimos, a dupla articulação como característica fundamental da linguagem. Dificil-

---

(51). — Bally, *Traité*, p. 93.

(52). — Slama-Cazacu, *op. cit.* p. 255.

(53). — Gili Gaya, *op. cit.* p. 37.

(54). — Martinet, *Elementos*, p. 106.

(55). — Martinet, *Elementos*, p. 30.

(56). — Id. *ibid.* p. 32.

(57). — Id. *ibid.* p. 81.

(58). — Id. *ibid.* p. 106.

(59). — Id. *ibid.* p. 107 e p. 30.

mente se poderia pensar numa escala de “alturas articuláveis”, embora não nos pareça totalmente descabida.

2.º) “porque não tem caráter discreto como os fonemas”

A “discreção” é um princípio da lingüística estrutural que entende que os elementos lingüísticos são claramente delimitados e distintos uns dos outros; se não são discretos não são lingüísticos. Cremos mesmo que está contida no próprio conceito de estrutura.

Na realidade, diz Martinet textualmente:

“Não se trata de modo algum de uma elevação por graus determinados em que a eleição de um nível levaria a um enunciado radicalmente diferente, mas a uma situação em que qualquer modificação da curva melódica leva consigo uma modificação paralela e proporcional do sentido do enunciado” (60)

E alhures mais, numa página sobre a “entonação”:

“as variações da curva não são capazes de alterar a identidade de um monema ou de uma palavra.” (61)

Na verdade, pode haver uma matização muito grande do enunciado com base na entonação (matização de afirmação, interrogação, exclamação, dúvida, carinho etc.), mas não no domínio natural e dentro das possibilidades comuns de eleição de qualquer falante. Lembramos aqui a referência de Jakobson a uma experiência realizada “com um velho ator do teatro Stanislavsky, que emitia cinquenta mensagens semanticamente diferentes consoante a entonação que dava às duas palavras “Segodnja veceron”, “hoje, pela noite” (62), ou ainda “a sucessão de números inteiros dita por um ator com certo número de entoações definidas, que duzentos e cinquenta ouvintes tinham de identificar, o que parece terem feito de forma estatisticamente concludente” (63) Porém, não se pode dizer que tais fatos pertençam ao código natural da língua. São realizações artificiais, praticamente sem dinamismo na língua, pois, “nada que não seja comum a vários indivíduos pode ser reconhecido como parte constituinte da língua” (64) O não reconhecimento pelo ouvinte, na qualidade de decodificador, implica na inexistência do código, cuja condição de ser é ser comum entre as partes.

---

(60). — Martinet, *Elementos*, p. 31.

(61). — Id. *ibid.* p. 107.

(62). — Mounin, *op. cit.* p. 62.

(63). — Id. *ibid.* p. 62.

(64). — Id. *ibid.* p. 46



Entretanto, doutra parte, voltamos a frisar que existem entonações bem diferenciadas e decodificáveis indubitavelmente. E o próprio Martinet, por diversas vezes, parece reconhecer esse facto (65), no que está acompanhado por muitos outros lingüistas (66)

Nesta altura, seria o caso de perguntar, com Stankiewicz, se “também os signos paralingüísticos são unidades pré-fabricadas como os do código lingüístico” (67), ou, com U. Eco, “se não têm razão os que procuram codificar esses artifícios” (68), e reproduzir o comentário de Mounin:

“Os problemas da entonação mostram-nos a necessidade de referir o facto de, num simples enunciado de uma língua natural, se encontrarem vários códigos, bastante diferentes, que se não devem prematuramente ou a priori reduzir à unidade: o código intonacional, a existir, seria um deles; marginal e contingente, mas sempre ativo e presente, como comunicação.” (69)

3.º) “porque não se apresenta em número fixo em cada língua e não pertence a inventário fechado como os fonemas”

De certa forma o assunto prende-se à explicação anterior, e a afirmação — que nos parece discutível, pois são frequentes as insinuações em contrário (70) — justificaria, contrario sensu, enqua-

---

(65). — Martinet, *Elementos*, p. 81 e 106.

(66) — Jakobson, *op. cit.* 120.

(67). — Eco, *op. cit.* p. 394.

(68). — Id. *ibid.* loc. cit.

(69) — Mounin, *op. cit.* p. 67

(70) — Entre outras, os “tonemas” de Navarro Tomás (Gili Gaya, *op. cit.* p. 61), se bem que se refere apenas à entonação “não prosodêmica”, e a classificação bem ilustrativa, de Oliveira Guimarães (*op. cit.* p. 112), aqui resumida: “De facto a constituição melódica dos grupos tónicos tem de conformidade com o seu desenho melódico, valores semânticos especiais, que convém sinalar. Na língua portuguesa podem descobrir-se os seguintes tipos:

1.º) tipo: a) Pré-núcleo inferior e núcleo descendente

b) Pré-núcleo inferior e núcleo ascendente

2.º) tipo: a) Pré-núcleo superior e núcleo descendente

b) Pré-núcleo superior e núcleo ascendente

3.º) tipo: — Pré-núcleo concordante com o núcleo descendente-ascendente  
Aproveitamos a presente Nota para transcrever, por oportuno, o comentário do mesmo Autor sobre a frase: “foi de automóvel a Coimbra?”, a saber: “Assim, se proferirmos esta simples frase: — foi de automóvel a Coimbra? — tanto a podemos exprimir entoando em crescendo de altura a penúltima sílaba “de automóvel” como a penúltima sílaba de “Coimbra” No primeiro caso, sendo “automóvel” a palavra de valor, a resposta será natural-

drar a entonação como problema relacionado com a primeira articulação.

4.º) “porque não incide sobre um segmento fonemático, mas sobre um enunciado completo”

A afirmação implica em aceitar que a entonação não tenha função “distintiva” (ao menos função distintiva total — se é que se pode falar assim), mas função “significativa” e daí estar ligada ao nível da segunda articulação. Na realidade, entendem os lingüistas que ela “sobrepõe-se à articulação, quer dizer, ao recorte total do enunciado em monemas e fonemas” (71) e, por isso, ser chamada fenómeno “supra-segmental”

A afirmação de que a entonação não teria então função distintiva, ao menos não totalmente distintiva, mas significativa, sai da sugestão dada pela observação de Mounin, quanto aos efeitos parciais da unidade significativa frente aos efeitos de oposição total da unidade distintiva. Assim, em “a árvore era uma tília — a árvore era uma grande tília”, a adição de “grande” (unidade significativa) modifica parcialmente a mensagem, enquanto em “é uma mó — é uma mole”, a edição do fonema /l/ (unidade distintiva) altera totalmente a mensagem (72)

Quanto aos motivos apresentados para o não enquadramento na segunda articulação, damos-os como comentados nos parágrafos anteriores. Entretanto, faremos uma derradeira observação: enquadramento na segunda articulação poderia justificar-se, levando-se em conta que a “altura”, é uma das qualidades físicas do “som”, que é a matéria da segunda articulação. Por outro lado, como é capaz de opor significados, pertenceria à primeira articulação.

Resta precisar, com Mounin, que a entonação, como os demais fatos prosódicos, são considerados fenómenos lingüísticos “marginais”, “mas marginais não significa desprezíveis. Significa exatamente: não centrais, não necessários à definição específica de todas as línguas humanas” (72)

Esse esclarecimento lembra-nos o exemplo de Gili Gaya, mencionado páginas atrás: “Tenho visto teu irmão”, que apontamos como exemplo imperfeito para o caso de uma dupla entonação

---

mente uma destas duas: sim, fui de automóvel, ou: não, fui no combóio. No segundo caso, pelo fato de ser “Coimbra” a palavra de valor e portanto a que contém o núcleo tônico, a resposta pode ser: sim, fui a Coimbra, ou, diferentemente, não, fui a Penacova.” (Guimarães, *op. cit.* 111)

(71) — Mounin, *op. cit.* p. 63.

(72) — Id. *ibid.* loc. cit.

(72). — Mounin, *op. cit.* p. 65.

livre e que sugere uma pergunta: — as unidades podem ter uma entonação fixa, imanente, intrínseca, à revelia do falante? Com efeito, não nos parece que o exemplo “tenho visto teu irmão” possa admitir a escolha livre e natural de uma entonação tipo interrogativa. É que a mensagem não casa com essa entonação interrogativa. O que parece é que há, pois, unidades que semanticamente trazem uma entonação pré-determinada, não variável à vontade do falante. No caso, parece que a solução seria admitir uma forma indireta, com um “se” e uma entonação direta, ascendente: “se tenho visto teu irmão?”

A regra, entretanto, parece ser da entonação livre: as unidades têm uma entonação própria. diríamos “congénita”, para o sentido denotativo e uma gama de virtualidades para uma gama de sentidos conotativos, quando, inclusive, adquirem as palavras, complementarmente, maior expressividade, como acontece com toda forma de exceção.

“Quando a entonação contradiz o significado das palavras, nosso interlocutor se atém a ela com preferência: expressões insultantes, como “granuja!” “ladrão!” podem converter-se em carinhosas, segundo o tom com que se pronunciem; palavras adadoras, como “preciosidade!”, “rico”, podem adquirir sentido injurioso. A ironia se baseia de ordinário em uma modificação tonal que dá a entender o contrário do que se diz. Há, pois, formas lógicas de expressão, refletidas pelas entonações enunciativa e interrogativa, e junto a elas vivem, com pleno valor forológico, formas especiais das entonações volitiva e emocional.” (73)

É interessante notar que a comunicação de uma entonação, por exemplo, interrogativa, pode inverter-se, nos casos citados por Gili Gaya: isto é, entende-se (comunicação principal) uma coisa, graças à entonação, mas percebe-se (fenômeno secundário) um significante denotativamente diferente. Talvez nisso esteja, realmente, a base e o valor de certas figuras e metáforas, como a ironia, a antífrase etc. Observe-se: “Bonito. hein?!”, cuja entonação é que responde pela comunicação principal, comunicação essa contrária ao que, denotativamente, revela o significante. Em outras palavras, admitindo-se uma dicotomia paralela à saussureana, chamaríamos a entonação de “significante paralingüístico” e o significado especial dessa entonação de “significado paralingüístico”, teríamos então que o significante paralingüístico pode elevar a principal o significado paralingüístico, destronando e deixando como fundo de contraste o

---

(73) — Gili Gaya, *op. cit.* p. 57.

significado lingüístico, saussureano. Por fugir ao “comum” da língua, caímos no “comum” da Estilística, entendida como “observação dos contrastes”. Em termos de “causação”, teríamos o fato da entonação produzindo “conotação”, a qual normalmente decorre do contexto.

### TOM

Já dissemos que o tom, como a entonação, é problema de “altura”; daí, ser por vezes esquecido, por vezes confundido e por vezes apenas referido no estudo da entonação. Fica dito também — se já não deixamos subentendido nas linhas supra — que o tom pode ser ou não pertinente. Em português normalmente não é, se bem que pode, com frequência, ser um auxiliar altamente eficiente, e em regra presente, do “acento”, no chamado “acento de insistência” (mentiiira!) e também da entonação (comparem-se os tônicos de “José” nas frases: “José veio aqui / José, vem aqui!”; no caso há a considerar ainda a pausa.) Entretanto, por não constituir uma necessidade “sine qua” na mensagem lingüística oral, temos dificuldade na sua percepção extralaboratório. Cressot lembra, em francês, a palavra, feita frase, “miserável” que pode, segundo o tom, ou entonação (sic), ser tomada numa acepção trágica ou criminal. (74)

Para as línguas em que o tom distingue palavras, tem ele um estatuto privilegiado, comparável ao fonema (75). Assim entendem os tratadistas a respeito, embora não sentimos muita profundidade e originalidade nas suas observações. Destacamos, por sugestivo, o exemplo chinês, em cujo dialeto de Peking, “chu” é pronunciado em quatro tons diferentes, podendo significar então “porco”, “bambu”, “senhor” e “habitar” (76)

### ACENTO (77)

Começamos por discutir as funções do acento. Mais uma vez vamos a Martinet, que defende como função fundamental do acento

---

(74). — CRESSOT, Marcel — *Le style et ses techniques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969, p. 38.

(75) — Martinet, *Elementos*, p. 105.

(76) — MALMBERG, Bertil — *La phonétique*. Paris, Presses Universitaires, 1958, p. 100.

(76) — Martinet, *Elementos*, p. 108.

(77) — Fazem-se necessárias duas observações: 1.<sup>a</sup>) acento aqui se refere especificamente ao acento de “intensidade” e não ao “realce” sonoro; 2.<sup>a</sup>) o contra-senso etimológico da nossa nomenclatura acento “tônico” para o nosso acento, que na realidade é acento de “intensidade” e não de “tom” (Mattoso, *Dicionário*, p. 20)..

a função “contrastiva” (e não opositiva), “quer dizer, que contribui para individualizar a palavra ou a unidade à qual caracteriza em relação às demais unidades do mesmo tipo que estão presentes no mesmo enunciado” (78) e uma função “culminativa” que “serve para apontar no enunciado a presença de certo número de articulações importantes e facilita assim a análise da mensagem” (79)

Essa função culminativa de Martinet quer-nos parecer que é a função “delimitativa”, na terminologia de Trubetzkoy (80) ou ainda a “demarcativa” (81), que cria uma juntura supra-segmental.

Martinet não concorda atribuir-se-lhe função distintiva:

“Sente-se a tentação de atribuir ao acento um valor distintivo quando seu lugar não é fixo, quer dizer, que a sucessão dos fonemas que caracterizam a unidade não permite determinar a sílaba que deve levá-lo; é o caso do espanhol onde a sucessão de fonemas /termino/ não permite saber se se trata de “término, termino ou terminó.” (82)

pois, contesta, esclarecendo que “o que pode ter valor distintivo é o lugar do acento” (83)

Entre os que tiveram tal tentação está Mattoso Camara:

“... o acento em português é também distintivo, pois serve pela sua posição a distinguir palavras, como em “jaca” “uma fruta brasileira” e “jacá” “uma espécie de cesto”.. É até um processo gramatical de distinguir padrões morfológicos, entre o substantivo, proparoxítono, e a forma verbal, paroxítona, com os mesmos fonemas, do verbo correspondente: “rótulo”: “rotulo” (verbo “rotular”).. ” (84)

Também, ao que parece, os Professores Pottier, Audubert e Cidmar, quando falam dos meios prosódicos de expressão:

“A) O acento. O acento de intensidade permite distinguir vocábulos diferentes: estímulo, estimulo.” (85)

---

(78). — Martinet, *Elementos*, p. 115.

(79). — Id. *ibid.* loc. cit.

(80). — MATTOSO CAMARA JR., J. — *Estrutura da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1970, p. 53.

(81). — Id. *ibid.* p. 54.

(82). — Martinet, *Elementos*, p. 115.

(83). — Id. *ibid.* p. 116.

(84). — Mattoso Camara, *op. cit.* p. 54.

(85). — Pottier, *op. cit.* p. 12.

Creemos, no entanto, que apenas falam linguagens diferentes, querendo dizer a mesma coisa. Comparem-se a definição de Mattoso Câmara:

“É uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas.” (86)

e a observação de Martinet:

“O que explica que o acento seja percebido com preferência é essencialmente o fato de que se identifica a sílaba acentuada por contraste com as sílabas vizinhas não acentuadas.” (87)

E quanto ao “lugar” do acento, Mattoso Câmara deixa bem claro que é a “posição” que serve para distinguir palavras.

Quer seja o acento, quer seja a sua posição, o certo é que, considerados como um único fenômeno — uma vez que uma é “*conditio sine qua non*” do outro — esse fenômeno pode ser pertinente, capaz de opor signos.

A exemplificação de Mattoso Câmara poderia ser ampliada. Parece teoricamente incontestável a função distintiva quando admitimos os pares monossilábicos, opostos pela intensidade, onde desaparece o problema da posição, e mesmo os de dissílabos “tônicos/átomos”, que têm na ausência ou presença de acento a sua oposição semântica, segundo os esquemas:  $\underline{\quad} / \text{—} : \text{pôr (verbo)} / \text{por (preposição)}$  ou  $\underline{\quad} \text{—} / \text{—} \text{—} : \text{pára (verbo)} / \text{para (preposição)}$ . É verdade que é o contexto verbal que faz aflorar os sentidos, decorrendo sua oposição acentual, quando existe, de uma condição meramente acidental da melodia da frase. Não será porque alguém pronuncie “pôr” (tônico) em: “É preciso ir por Londrina”, que alguém vai entender: “É preciso ir colocar Londrina”. Atente-se que o “por” (preposição) pode ser tônico, enfaticamente, intencionalmente, como veremos adiante no “acento de insistência”

Deixamos de lado casos como “sáb'a/sabiá”, cujo acento nos parece apenas acidentalmente opositivo, de vez que a diferente tonicidade, coincidentemente sobre igual seqüência sonora, tem explicação etimológica e não semântica. Sincronicamente, não resta dúvida que “desempenha importante papel lingüístico, decisivo para a

---

(86). — Eco, *op. cit.* p. 53.

(87) — Martinet, *Elementos*, p. 117.

significação do vocábulo” (88) Em outras palavras, a tonicidade etimológica tornou-se acidentalmente, no plano sincrônico, uma tonicidade diferencial.

### ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além do “acento tônico normal, suporte rítmico e, portanto, esperado, regular” (89), até aqui comentado e que pode — no nosso entender — ser ou não pertinente, é interessante a observação feita nos casos a que se deu o nome de “acento de insistência” e que muitas vezes completam intencionalmente a comunicação. Esse acento pode coincidir com o acento tônico, sob a forma de intensificação exagerada (mentira!; “non pas un homme, mais une brute”) (90) ou pode — o que é mais comum — recair noutra sílaba. Em ambos os casos, ele pode ser produto ou da emotividade — acento afetivo — ou duma intenção lógica — acento intelectual.

Estão no primeiro caso, exemplos como o mesmo “miserável!”, registrado pp. atrás com duas tonalidades, aqui lembrado por Celso Cunha (91), com o acento deslocado para a sílaba inicial ou com um segundo acento, quase tão ou mais intenso que o acento normal da penúltima sílaba. Diríamos com Roudet, que a causa essencial do fenômeno do recuo do acento “parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e a sua expressão através da linguagem” (92)

O “acento intelectual” desloca ou repete o acento normal num segmento logicamente importante, podendo impor-se até sobre vocábulo originariamente átono. A exemplificação brota fácil, mas preferimos admitir Bally: “pérmittre n'est prómittre” (93) ou E. Bechara: “São fatos SUBjetivos e não OBJetivos” e “COM dinheiro ou SEM dinheiro” (94), com exemplos, respectivamente, de intensificação, deslocação e tonificação. O caso de “É preciso ir POR Londrina” (“e não PArá Londrina”), lembrado na página anterior, a propósito da oposição significativa face à oposição acentual, pode aqui merecer um comentário complementar, à medida que, recebendo acentuação não pertinente para a significação, a recebe contudo como intelectualizadora da expressão.

---

(88). — BECHARA, Evanildo — *Moderna gramática portuguesa*. 11.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Editora Nacional /1987/ p. 61.

(89) — CUNHA, Celso — *Gramática do português contemporâneo*. 2.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Alvares /1971/ p. 43.

(90). — Bally, *Traité*, p. 255.

(91). — Cunha, *op. cit.* p. 41.

(92). — Bechara, *op. cit.* 62.

(93) — Bally, *Traité*, p. 255.

(94). — Bechara, *op. cit.* 62.

## DURAÇÃO

A duração, como o tom, pode ou não ser pertinente, como a nasalidade, por exemplo, indiscutivelmente o é em português. Malmberg distingue “quantidade subjetiva”, lingüística, funcional, e “quantidade objetiva”, imanente, sem valor lingüístico (95) Em português, normalmente não é. Mas “Em uma língua como o português a duração contribui de maneira decisiva para destacar a sílaba acentuada, enquanto em espanhol a vogal desta sílaba não é mais demorada que a da sílaba não acentuada seguinte” (96) Era em latim: *populus* “povo” e *populus* “choupo”; *venit* (presente) e *venit* (perfeito) (97); e Malmberg apresenta casos em francês, entre “bête” e “bette”, “reine” e “renne”, comparando a oposição entre uma vogal breve e uma vogal longa com a oposição entre um “i” e um “a” (98) Também Martinet registra “maître” e “mettre”, em francês.

§.

Em português, bem como em outras línguas, como já vimos, a duração participa e colabora no realce do citado acento de insistência, podendo-se em certos casos falar-se mesmo em “duração de insistência”, com uma função evidentemente expressiva:

“Finalmente, mais alguns fenômenos supra-segmentais como o alongamento de uma vogal, o reforço de uma consoante, podem desempenhar uma função expressiva, para informar, desta vez voluntariamente sobre as impressões do locutor com respeito ao que diz. Por exemplo: /eabumina:vel/ “é abominável” com alongamento do segundo /a/ (99)

No exemplo já citado anteriormente, apresentado por Evânido Bechara, que ora transcrevemos por inteiro, é evidente o valor predominante da duração sobre o acento: “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança da mãe: — Mentira! Mentiiiira! .Mentiiiiira! berra cada um para seu lado” (100)

---

(95) — Malmberg, *La phonétique*, p. 88.

(96) — Martinet, *Elementos*, p. 113.

(97) — “... os antigos romanos tinham esse fato tão presente que até as crianças sabiam valerem as longas 2 tempos e as breves 1 tempo (Quintiliano, *Instituições*, IX, 4, 47), além de que eram vaiados os atores que, em cena, errassem na duração dos sons. (Cícero, *Orator*, 51) em Cre-tella Junior, *Latim para o ginásio*, p. 22.

(98) — Malmberg, *La phonétique*, p. 90.

(99) — Mounin, *op. cit.* p. 64.

(100) — Bechara, *op. cit.* p. 62.



Exemplo de outra ordem, ligado à intensificação do simbolismo dos sons, é lembrado por Malmberg, quando se refere à maior cerção de uma vogal como símbolo de pequenez ou ao alargamento como expressão de grande tamanho, por exemplo, “‘a-a-ar-ge” (101)

Ainda tempestivamente fazemos a observação óbvia de que “tom, intensidade, duração” são qualidades específicas das “vogais” como sons puros que são. Entretanto Martinet traz um exemplo, que reputamos de interesse, visto tratar-se de alargamento de “consoante”, com função expressiva, informando o ouvinte sobre o estado emocional do falante:

“Assim sucede que em francês um alargamento e um reforçamento do /p/ de “impossible” em “cet enfant est impossible” se pode interpretar como indicação de uma irritação real ou simulada.” (102).

Com percepção consciente, observamos os exemplos e os comentários sobre entonação, tom, acento, duração e ritmo patinarem e escorregarem de um campo a outro, numa demonstração insofismável de dependência recíproca e da necessidade de mais demoradas pesquisas sobre esses fenômenos, não só bibliográficas, mas também de laboratório e de campo.

Na verdade, esses e outros meios ou recursos paralingüísticos, tão importantes na comunicação lingüística ora', valem como “um comentário emotivo contínuo” (102) entre a lógica e o sentimento, entre cabeça e coração.

#### ALGUNS TRAÇOS NÃO PROSODÊMICOS — VARIANTES SONORAS

Dos traços arrolados no esquema e que não mereceram ainda um comentário, lembramos as “variantes sonoras” É claro que aqui se incluem os desvios de acento, de duração, de tom, não eleitos pelo falante (103), fisicamente ocasionais, e que informam, à revelia ou com a inconsciência do emissor, revelando sua personalidade, sexo, idade, estados emocionais, posição social etc., sem que o ouvinte retire informação que interesse especificamente à mensagem. São condições mais ou menos estáveis, que, à força de serem naturais e imanentes, passam despercebidas. Podem aduzir informa-

---

(101). — Malmberg, *Lingüística Estructural*, p. 146.

(102). — Martinet, *Elementos*, p. 79.

(103). — Id. *ibid.* loc. cit.

ção de caráter tão geral que justificam sua colocação na chave dos traços não prosodêmicos.

### VARIANTES FONÊMICAS

Pela especificidade que desfruta esse estudo, mencionamo-lo à parte, lembrando que, como variante sonora que também é, pode trazer as mesmas ou algumas informações citadas acima. Referimo-nos, de um lado, às “variantes livres”, que por serem livres são personalizáveis e identificadoras. No entanto, por outro lado, a combinação fonêmica pode exigir certas realizações de um mesmo fonema, que escapam às condições pessoais do falante e que são comuns e obrigatórias a todos os falantes de uma mesma língua. São as “variantes combinatórias”, do tipo /a/ de /kamara/, diferente do /a/ de /ladu/, sendo, porém, o mesmo fonema, que nada informam complementarmente: nem intencional nem inconscientemente.

### TRAÇOS PARALINGÜÍSTICOS NÃO VOCAIS — A PAUSA

Citamos em primeiro lugar, mas sem qualquer preocupação de hierarquia, a pausa, que é, na realidade, outra duração: duração de ausência sonora, duração de silêncio.

Com efeito, pode a pausa provocar oposições. A sabedoria popular já reconhece: — quem cala, consente. Mas os lingüistas cientificamente observam a função opositiva:

“os alunos cansados. ” (os que estão cansados)

“os alunos, cansados.. ” (todos estão cansados) (104)

ou expressiva ou simplesmente respiratória. É evidente que é prosodêmica apenas nos dois primeiros casos.

As pausas expressivas “acham-se em estreita relação com as inflexões melódicas dos grupos fônicos” (105) Reportamo-nos ao nosso primeiro parágrafo sobre o “tom”

Ela pode ocorrer após palavras-chave, no final da frase, na suspensão do pensamento (indicada na escrita pelas reticências) e até mesmo entre sílabas, no gaguejamento. Todos sabem do efeito ponderador do silêncio, depois da peroração, deixado pelo causídico dramático perante o corpo de jurados. É o silêncio estratégi-

---

(104). — Pottier, *op. cit.* p. 14.

(105). — Gili Gaya, *op. cit.* p. 40.

co, que reforça o eco das derradeiras palavras, sulcando a consciência dos jurados.

Em certo tipo de e'ipse parece ocorrer uma pausa intelectual, na medida em que suspende a expressão, deixando fluir, volatizada no espírito do ouvinte, a idéia, atraindo conseqüentemente sua especial atenção. Perceba-se: “uns morrem de solidão, outros, de amores”

### A ORDEM

Pottier, Audubert e Cidmar lembram, nos meios táticos de expressão, à letra “c”, os “fatos de ordenação”, onde cita casos de ordem obrigatória (o meu pai etc.) e outros, de ordem escolhida, logo, sgnificativa (bom rapaz / rapaz bom etc.) (106)

Ao anunciar o título da página 134: “A posição do monema não é sempre pertinente” (como o é a posição do fonema), Martinet admite, contrario sensu, que “às vezes” a posição do monema é pertinente. Aliás, diz depois textua mente:

“Um enunciado como o francês “Pierre bat Paul” muda em outra coisa se se inverte a ordem de “Pierre” e “Paul” do mesmo modo que em espanhol /sal/ se converte em outra coisa se se invertem /s/ e /l/” 107

Porém, normalmente não é pertinente, como no enunciado “partirei amanhã”, cujo sentido permanece, mesmo com a inversão das palavras: “amanhã partirei”

É verdade que essas observações se referem mais a problemas de relações sintáticas ou morfo-sintáticas, mas parecem-nos em parte válidas para a identificação de sent.dos, quando não, válidas para as duas finalidades: “certo rapaz / rapaz certo” (muda sent.do e função morfo-sintática)

Anotamos um exemplo — que fica merecendo um estudo psico'ingüístico — ouvido de uma moça, no interior de uma sala, enquanto olhava para fora, pe'a vidraça, imaginando o frio que fazia: “Não vou lá frio que faz lá fora”, querendo dizer: “Não vou lá fora que faz frio” A sensação do frio, auxiliada pela aliteração do /f/, subverteu a ordem lógica.

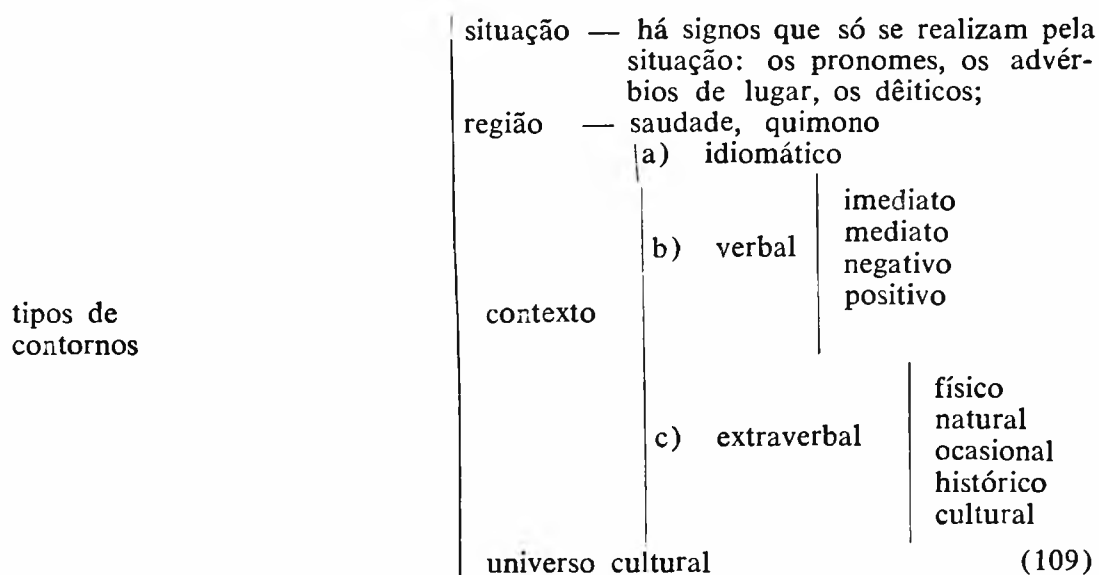
---

(106). — Pottier, *op. cit.* p. 15.

(107) — Martinet, *Elementos*, p. 135.

“CONTORNOS” (108)

Damos abaixo um esquema dos mais completos sobre o assunto, onde Coseriu apresenta seus tipos de “contornos”:



Evidentemente abstermo-nos de comentá-lo na íntegra, porque fugiria desnecessariamente aos objetivos do presente trabalho, que é despertar a atenção para a riqueza dos elementos para lingüísticos que estão à espera de um estudo mais profundo, de uma sistematização mais completa e mais científica e de um aproveitamento mais prático e efetivo. A matéria, sob verbete no *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*, pode ser vista de corpo inteiro no capítulo “Determinación y contorno”, no livro de Eugenio Coseriu (110)

Para o citado lingüista, “contorno” é “o conjunto de circunstâncias extralingüísticas em que se dá a fala”, ou nas suas próprias palavras: “instrumentos circunstanciales de la actividad lingüística” E acrescentamos a conceituação do Professor Borba, inserindo a ressalva “normalmente”:

“Os contornos são elementos (normalmente) indispensáveis da atividade lingüística, pois não só dão sentido concreto aos signos como também classificam os enunciados como verdadeiros ou falsos.”

(108). — Há quem use “entorno” por exemplo, Herculano de Carvalho, *Teoria da linguagem*, p. 361; o mesmo Autor prefere, entretanto, “contexto”

(109) — Silva Borba, *op. cit.* p. 49.

(110) — COSERIU, Eugenio — *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 2.<sup>a</sup> ed. Madrid, Editorial Gredos /1969/ pp. 282-323.

Parece-nos que falham, por “generalização”, as conceituações. Talvez pudéssemos localizar melhor a questão, dizendo que se referem às circunstâncias extralingüísticas, a he.as ao comportamento do falante, mas complementares ou integrantes da mensagem, que o falante deve considerar, e por vezes o ouvinte, para não pôr em risco o sucesso da comunicação, como um verdadeiro “sistema de referências” (111)

Dos contornos da chave, ficamos com o “contexto” e a “situação”, com os quais ficam também os Professores Pottier, Audubert e Cidmar (112) Faremos menção, de passagem, ao “universo cultural”, de Coseriu. Admitimos, porém, embora sumariamente, que possa haver não só os outros contornos da chave, mas outros mais, ainda mal definidos, tão complexa é a linguagem, como o próprio homem.

### CONTEXTO

Para o primeiro, o qual entendemos como contexto “lingüístico” ou “dependência textual” (113), tomamos a definição de Mattoso Câmara: “conjunto de uma enunciação lingüística posta em cotejo com os elementos que a compõem” (114)

Mattoso Câmara distingue duas funções: a) uma de “precisar” a tonalidade da significação do signo (115); b) outra, mais sensível e necessária, de dar a “exata” significação do signo, e, portanto, da mensagem. Seria o caso da “concorrência” no jogo dos exemplos: “Sentei-me no banco / Este banco tem quatro pés”, onde “numerosos fatos de compreensão repousam sobre a combinatória semântica” (116)

Parece-nos que numa ou noutra letra é uma das condições da “conotação” Cremos que quer dizer isso mesmo o Professor Mattoso Câmara, quando afirma:

“A conotação das palavras depende de múltiplos fatores:  
1) 2) da associação com outras palavras num dado campo semântico ou em frases usuais e freqüentes.” (117)

---

(111) — Slama-Cazacu, *op. cit.* p. 287

(112) — Pottier, *op. cit.* p. 9.

(113) — Pottier, *op. cit.* p. 10.

(114) — Mattoso Câmara, *Dicionário*, p. 92.

(115) — Id. *ibid.* loc. cit. e

MATTOSO CAMARA JR., J — *Expressão oral e escrita*.  
2.<sup>a</sup> ed. rev. Rio de Janeiro-Fortaleza-São Paulo, J. Ozon Editor, 1966, p. 21.

(116) — Pottier, *op. cit.* p. 15.

(117) — Mattoso Câmara, *Dicionário*, p. 88.

Para Tatiana Slama-Cazacu o contexto tem cinco funções: designadora (função de eleger), precisadora, individualizadora, complementadora e criadora.

Merece consideração especial o papel de “criar” um significado para uma palavra, quando não criar a palavra toda (isto é, significante e significado). Tatiana Slama-Cazacu menciona cinco possibilidades de ocorrência dessa última função, sem, infelizmente, demonstrar com exemplos específicos.

Se pensarmos na língua como um código que deve, por força de o ser, ser comum ao falante e ao ouvinte, podemos compreender, por exemplo, que certos neologismos, estão nesse caso, quando, somente através do contexto, se reata a linha interrompida da comunicação. Dizemos “certos” neologismos porque, apesar de teoricamente todos terem a retaguarda do sistema da língua como pré-requisito de que não pode prescindir, alguns podem afastar-se tanto dos paradigmas que necessitam de uma apresentação cabal do contexto para a sua compreensão.

Por outro lado, somos tentados a fazer a seguinte observação: — se é verdade que o contexto tem múltiplas funções positivas, vez ou outra funciona negativamente ou perturbadoramente, principalmente por ilusão de ordem fonética. Pensamos em exemplos como: “O conjunto de artistas apresentou um monte de “bossa” No exemplo seguinte, o contexto age duplamente: na primeira parte, confundindo; na segunda, esclarecendo. Trata-se de propaganda em rádio sobre as qualidades de determinada marca de óleo-motor, que o locutor proclama demoradamente, terminando com a frase: “O que é bom para os campeões, é ótimo para você!”, onde ouvimos, muitas vezes, “caminhões”, no lugar de “campeões” Casos como esses podem prestar-se a recursos humorísticos. E, se nos permitirmos maiores digressões, poderíamos lembrar os problemas das cafonias, das ambigüidades etc.

### SITUAÇÃO

Pouca coisa a acrescentar, aplicando-se-lhe muito do tópico supra. A conceituação, que pode satisfazer, se bem que mais uma vez com uma ressalva entre-parênteses, sugerida por Othon M. Garcia (118), é a do *Pequeno Vocabulário de Lingüística Moderna*:

“Ambiência (de ordem física e social) extralingüística em que se dá a comunicação” (119)

Creemos que, com ressalvas, se pode incluir a “mímica” na situação, hoje com estudos especiais sob o nome de “Cinésica”

---

(118). — M. GARCIA, Othon — *Comunicação em prosa moderna*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969, p. 8.

Recordamos aqui o que falamos na “entonação” (fl. 88), como característica formal das chamadas “frases de situação”. Na verdade, parece-nos que mais comunica a entonação de “fogo!” que a eventual situação física da “fumaça” que o falante teria visto.

### MÍMICA

Sobre a mímica em especial, parecem-nos objetivos — ao menos para o presente trabalho — as observações de Mattoso Câmara:

“Jogo fisionômico, em regra acrescido de movimentos das mãos e dos braços, da cabeça, do busto e até de todo o corpo, durante a atividade da linguagem oral. Trata-se de uma “função precisadora da palavra”

... ..  
“Há na mímica certos gestos padronizados e coletivos, que complementam as frases e até as substituem; tais são: sacudir a cabeça — a) para a frente, ou — b) para os lados, a fim de — a) afirmar, ou — b) negar; virar as mãos espalmadas para manifestar desconhecimento de um fato; estender o dedo indicador com intenção dêitica” (120)

E aqui lembramos outros exemplos, já catalogados, embora inúmeros outros possam ser retirados da vida diária:

“estava assim de gente!” (121);

“Está ali!” (122)

com os seus respectivos estudos, não deixando de salientar o papel importante da entonação, nos casos.

Lembramos mais uma vez que, de todos esses recursos, e em especial da mímica, se podem tirar expressivos efeitos cômicos. Ilustramos com o caso do dec. amador que falava sobre o “céu” e apontava para baixo; falava a respeito do “mar” e apontava para cima, numa ridícula dessincronização entre expressão lingüística e expressão corporal.

A mímica como “precisadora de palavras” é realmente elemento paralingüístico e, como tal, merece ser estudada como comunicação lingüística. Não diríamos o mesmo quando elas “substituem”

---

(119). — Silva Borba, *op. cit.* p. 132.

(120). — Mattoso Câmara, *Dicionário*, p. 230.

(121). — Pottier, *op. cit.* p. 15.

(122). — HERCULANO DE CARVALHO, José G. — *Teoria da linguagem*. reed. Coimbra. Atlântica Editora, 1970, tomo 1, p. 65.

as palavras, caso que nos parece pertencer ao campo da comunicação “visual”

### UNIVERSO CULTURAL

Entre os tipos de contornos mencionados por Coseriu, citamos o “universo cultural”, que tomamos de empréstimo aqui, dando-lhe colorido talvez um pouco diferente.

Na verdade, no sentido amplo, “cultura” é “conhecimento geral”, quer-nos parecer, é “experiência de v.da” E Coseriu dá a impressão de concordar com essa opinião:

“O contexto cultural abarca tudo aquilo que pertence à tradição cultural de uma comunidade, que pode ser muito limitada ou tão ampla como a humanidade inteira.” (123)

Sabemos quantas falsas ou nenhuma interpretações são dadas por falta de certa experiência, certa vivência. Anotamos o significativo e contundente caso, que demonstra quanto o falante deve procurar considerar o universo do ouvinte. É o caso do caipira que, ao visitar uma sala de trabalho de um candidato político, exclama, diante de uma figura num quadro: — Eta, muié barbada!, ao que retruca o político: — É o retrato de minha mãe. — Mas, que barba bonita! emenda o caipira.

Esses apontamentos terminam por aqui, reconhecendo que terminam no começo, mas não será numa primeira tentativa, e num artigo de revista, que se esgotará o assunto.

Creemos que podem, entretanto, justificar seu objetivo de compilar elementos para um estudo paralingüístico, numa limitada, mas franca homenagem a Martinet e ao fa ante, cujos recursos específicos foram aqui tratados.

### BIBLIOGRAFIA

1. MARTINET, André — *Elementos de lingüística general*. 2.<sup>a</sup> ed. rev. Madrid, Editorial Gredos /1968/
2. MOUNIN, Georges — *Introdução à lingüística*. Lisboa, Iniciativas Editoriais /1970/
3. ECO, Umberto — *A estrutura ausente. Introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo — Editora Perspectiva /1971/



4. MARTINET, André — *A lingüística sincrônica*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1971.
5. POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert e PAIS, Cidmar Teodoro — *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro /1972/
6. GILI GAYA, Samuel — *Elementos de fonética general*. 5.<sup>a</sup> ed. cor. e ampl. Madrid, Editorial Gredos /1966/
7. GUIMARÃES, Oliveira — *Fonética portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1927
8. MALMBERG, Bertil — *Lingüística estructural y comunicación humana*. Madrid, Editorial Gredos /1969/
9. JAKOBSON, Roman — *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro, Livr Acadêmica /1967/
10. PONS, José Roca — *Introducción a la gramática*. 2.<sup>a</sup> ed. cor. e act. Barcelona, Editorial Teide /1972/
11. BALLY, Charles — *El lenguaje y la vida*. 5.<sup>a</sup> ed. Buenos Aires, Editorial Losada /1967/
12. GUIRAUD, Pierre — *A estilística*. São Paulo, Editora Mestre Jou, /1970/
13. SLAMA-CAZACU, Tatiana — *Lenguaje y contexto*. Barcelona-México, Ediciones Grijalbo, 1970.
14. BORBA, Francisco da Silva — *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, Editora Nacional — Editora da USP /1971/
15. MATTOSO CAMARA JR., J. — *Dicionário de filologia e gramática*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro-São Paulo, J. Ozon Editor, 1964.
16. LADO, Robert — *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, Editora Vozes, 1971.
17. BALLY, Charles — *Traité de stylistique française*. Genève-Paris, Georg — C. Klincksieck, 1951.
18. CRESSOT, Marcel — *Le style et ses techniques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969.
19. MALMBERG, Bertil — *La phonétique*. Paris, Presses Universitaires, 1958.
20. MATTOSO CAMARA JR., J — *Estrutura da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1970.
21. BECHARA, Evanildo — *Moderna gramática portuguesa*. 11.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Editora Nacional /1967/
22. CUNHA, Celso — *Gramática do português contemporâneo*. 2.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares /1971/
23. CRETELLA JUNIOR, José — *Latim para o ginásio*. 82.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Editora Nacional /1961/
24. COSERTIU, Eugênio — *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 2.<sup>a</sup> ed. Madrid, Editorial Gredos /1969/
25. MATTOSO CAMARA JR., J — *Exressão oral e escrita*. 2.<sup>a</sup> ed. rev. Rio de Janeiro-Fortaleza-São Paulo, J. Ozon Editor, 1966.

26. M. GARCIA, Othon — *Comunicação em prosa moderna*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969.
27. HERCULANO DE CARVALHO, José G. — *Teoria da linguagem*. reed. Coimbra, Atlântida Editora, 1970.